

A BELA MORTE É O FIM DA BELA VIDA DE SÓCRATES

Aldo Dinucci
Universidade Federal de Sergipe
aldodinucci@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo apresento algumas reflexões sobre o excelente texto “A Morte Feliz” de Izabela Aquino Bocayuva, sobretudo no que se refere à morte de Sócrates. Observando que Izabela não deixa claro a que “Sócrates” se refere em seu texto, se ao Sócrates dos primeiros diálogos de Platão ou se à personagem “Sócrates” dos diálogos da maturidade e da velhice, passo à questão da morte de Sócrates, afirmando que este buscava não o viver a todo custo, e tampouco o escapar a todo custo da morte para viver, mas sim o bem viver, que para ele, significa viver harmonizando a alma de modo a torná-la no mais alto grau possível imagem da ordem do mundo. Assim, temos no Socrates dos primeiros diálogos de Platão

Palavras-chave: Sócrates, Antiguidade, Estética, Ética, Socratismo, Filosofia Clássica,

Abstract: In this paper I present some reflections about Izabela Aquino Bocayuva’s excellent text “The Happy Death”, mainly on Socrate’s death. Noting that Izabela does not make clear to which “Socrates” her text makes reference, if to the Socrates of Plato’s first dialogues or if to the character “Socrates” of the dialogues of maturity and old-age, I pass to the question of Socrate’s death, mantaining that Socrates did not try to live at any priced, but to live well, which for him, means living harmonizing the soul in order to make it, to one’s best and in the highest degree, an image of the order of the world. So we have in the Socrates of the first dialogues an ethics which is at the same time an existencial aesthetics. uma ética que é uma estética do existir.

Keywords: Socrates, Antiquity, Aesthetics, Ethics, Socratism, Classical Philosophy

O excelente artigo “A Morte Feliz” de Izabela Aquino Bocayuva nos dá o que pensar. Venho aqui apresentar algumas reflexões minhas sobre o texto, sobretudo no que se refere à morte de Sócrates. Em primeiro lugar, é preciso observar que Izabela não deixa claro a que “Sócrates” se refere em seu texto, se ao Sócrates dos primeiros diálogos de Platão ou se ao personagem “Sócrates” dos diálogos da maturidade e da velhice. Pronunciar-se quanto a esta distinção me parece importante, visto que, segundo a maioria

Dinucci, Aldo
A bela morte é o fim da bela de Sócrates

dos comentadores contemporâneos, o Sócrates dos diálogos da juventude de Platão (*Apologia, Carmides, Criton, Eutífron, Eutidemo, Górgias, Hípias Menor, Íon, Lísias, Laques, Protágoras, Livro 1 da República e primeira parte do Mênon*) expressaria o pensamento do Sócrates histórico, que se caracterizaria, entre outras coisas, por seu caráter aporético e exclusivamente ético e por não conter teorias como a tese do Mundo das Idéias, a tese da imortalidade da alma e a teoria da reminiscência, teorias que, constituindo o pensamento platônico, teriam no “Sócrates” dos demais diálogos platônicos um porta-voz.

Em relação à morte (e é exatamente sobre isto que me concentrarei nas próximas páginas, fazendo contraponto ao texto de Izabela), o pensamento do Sócrates dos primeiros diálogos (sobretudo pelas diversas passagens da *Apologia* sobre o tema) é claro: não sabendo o que há após a morte (se a aniquilação ou uma outra vida), Sócrates conclui não poder afirmar ser a morte um bem ou um mal, pois como podemos dizer ser um mal o que sequer sabemos o que é? A seguir, ele considera que, quer haja após a morte aniquilação ou outra vida, lhe cabe uma única escolha: seguir o que sua razão diz-lhe ser o melhor, pois, caso haja aniquilação após a morte, esta, nada sendo senão a conclusão da vida, não será temível, visto ter ele vivido plenamente na medida em que seguiu o que seu pensamento lhe disse ser o correto. Por outro lado, se houver outra vida, ainda assim a morte não será temível, pois mostrar-se-á oportunidade para que Sócrates, que sempre viveu de acordo com o que lhe pareceu ser o melhor, se una às melhores almas e passe a conviver com elas.

Portanto, a morte não é absolutamente digna de ser temida, mas sim a vida má, isto é, a vida daquele que não se orienta segundo o que a razão lhe diz ser o melhor. Sócrates, como diz Izabela (2007, p.77), não acha a vida por si mesma “linda e maravilhosa”, quer dizer, para ele a vida não é boa *per se*: como sabemos pelo *Górgias* (508 a ss.), será boa a vida na medida em que a alma se harmonize através do processo de eliminação gradual das falsas opiniões de modo a torná-la uma imagem do cosmo. Assim, a vida será boa e desejável na exata medida em que for bela, isto é, na medida em que a alma do homem seja harmônica, cósmica (pois, como sabemos, o termo grego *kósmos* significa primariamente ordem, boa ordem e, num sentido derivado, a própria ordem do mundo). Da mesma forma, a morte será boa se for bela, isto é, se não ameaçar ou se colaborar para este cosmo da alma. Temos assim, no Sócrates dos primeiros diálogos platônicos, uma ética que é uma

Dinucci, Aldo
A bela morte é o fim da bela de Sócrates

estética do existir: é desejável não o viver a todo custo, ou mesmo escapar a todo custo da morte para viver, mas sim o bem viver, que é viver com a alma em boa e bela ordem, ordem que espelha o cosmo do mundo.

Mas o que significaria a morte bela estritamente falando? Animais gravemente feridos são sacrificados, pois a vida que lhes restaria seria apenas sofrimento e agonia, isto é, seria atirar no caos da dor suas existências sem qualquer justificativa racional para isto. Homens também, gravemente enfermos e em estado terminal, quando morrem livram-se de sofrimentos atrozes e sem sentido e da desordem irreparável de seus organismos. Mas então a morte não é um mal porque os sofrimentos físicos o são? Não. Como sabemos pelo *Eutidemo*, para o Sócrates dos primeiros diálogos também estes não são em si mesmos maus. Muitos homens se submetem espontaneamente ao sofrimento físico, como os atletas, ou se submetem espontaneamente a cirurgias dolorosas para preservar a saúde. O sofrimento físico, em todo caso, é um incômodo. Torna-se suportável ou mesmo desejável se ele for caminho para algo que consideramos um bem ou se se interpuser a algo que consideramos um mal. Suportamos uma doença qualquer porque cremos que recuperaremos a saúde. O atleta se submete ao sofrimento físico dos treinos porque quer ótimo estado físico. Os homens, em geral, suportam vários incômodos desde que vejam nesta perseverança um meio para algum bem. Porém, há situações em que não faz sentido suportar incômodos, e aí então a morte é vista como um bem, pois livra a vítima de um sofrimento inútil, sem sentido.

Há também, na vida, situações em que se coloca a escolha entre uma pequena morte e uma vida degradante, sem sentido, como no caso dos relacionamentos que causam danos e infundem a desordem nas almas. O homem que quer apenas viver a todo custo recuará mesmo diante desta pequena morte, pois não se vê capaz de superar os incômodos que uma separação lhe causaria. Mas o homem que quiser bem viver não recuará diante de incômodos, pois sabe que sua superação o levará na direção de sua própria realização. Há casos também em que a derradeira morte se apresenta como inevitável –mas aí não cabe amargurar os últimos dias com tristezas, mas sim aproveitar ao máximo o que resta e aceitar o inevitável. Esta morte não é a negação da vida, mas a conclusão dela, tempo de fazer o balanço de uma existência e contemplá-la, tempo de despedir-se dos seus.

Dinucci, Aldo
A bela morte é o fim da bela de Sócrates

Há casos ainda onde se impõe a escolha entre uma vida ridícula e degradante e o fim da vida, a morte. Diante desta escolha foi colocado o homem chamado Sócrates, homem que amava não a vida por si mesma, mas o bem viver, e que não quis destruir sua obra e a bela harmonia de sua alma em nome de um patético e torpe prolongamento de seus anos. Se Sócrates optasse por viver a todo custo, na verdade teria uma vida sem sentido algum e desprovida de dignidade. Sócrates percebeu que a morte naquele momento seria um fim adequado e belo para a sua vida, fim que completaria sua obra e manteria até o fim a harmonia de sua alma. Que nós não nos espantemos ou nos atemorizemos com a dramaticidade de tudo isto: fazer o melhor é sempre questão de superar grandes sofrimentos e difíceis obstáculos – a realização dos viventes, sejam quais forem, é sempre dramática e cercada de perigos. E os viventes vivem justamente em nome desta realização. Os dramáticos eventos que envolveram a morte de Sócrates não foram fatos isolados em sua vida: Sócrates se negara anos antes a levar um cidadão ateniense à execução; Sócrates se opusera ao julgamento em massa de cinco generais atenienses diante de uma multidão enfurecida. Sua escolha fora desde sempre pela boa vida, e para ele isto significa seguir o que diz seu pensar e não dar ouvidos aos muitos que se deixam guiar por emoções e preconceitos.

Sócrates nos seus últimos momentos continuou buscando o melhor em relação ao bem viver, continuou lutando pela harmonia de sua alma. Em meio ao julgamento que o condenou, tinha como opções, por um lado, morrer dignamente e fiel a seus princípios e preservar o cosmo de sua alma ou, por outro lado, viver indignamente traindo a si mesmo e destruindo toda a obra que fizera em si mesmo. Entretanto, não devemos considerar que Sócrates desejou morrer: pela *Apologia* sabemos que ele buscou trocar a pena capital que lhe foi imposta por uma multa. Sócrates tão somente buscou em sua defesa manter a harmonia de sua alma agarrando-se à busca pelo bem viver e não se deixando conduzir pelo desejo irracional de viver a todo custo, o qual, se fundando no medo irracional da morte, lhe faria transigir em relação aos valores que sua razão lhe indicava serem os melhores. Exatamente isto orientou sua defesa: continuar fiel ao que lhe parecia ser racionalmente o melhor e não tentar salvar sua vida a todo custo fazendo uso de recursos irracionais (i.e. retóricos) por medo da morte.

Dinucci, Aldo
A bela morte é o fim da bela de Sócrates

Assim, Sócrates não visou em sua defesa à eficácia no que se refere a sensibilizar os juízes, mas, em primeiro lugar, objetivou preservar o cosmo de sua alma. E, mesmo sendo condenado, alcançou o que almejava. Sua aceitação tranqüila da pena e sua recusa em fugir se devem ao mesmo motivo: não tendo motivos racionais para temer a morte, mas sim para temer uma vida irracional e patética, cumpriu sem queixas a pena que lhe foi imposta. Como dissemos acima, para Sócrates seguir a razão é espelhar na própria alma a ordem cósmica, e fazer o contrário é desabar no caos e afastar-se de tudo o que é bom e belo. Sendo a ordem cósmica bela, é belo aquele que faz de sua alma, na medida do possível, uma imagem do cosmo. Sócrates considera ter sido boa e bela sua vida na medida em que seguiu o que lhe disse seu pensamento. E bela a sua morte, que ele aceitou por motivos igualmente racionais, quais sejam: não abandonar os princípios que lhe foram ditados pela razão por temer irracionalmente a morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOCAYUVA, Izabela Aquino, 2007. "A morte Feliz" disponível em:
<http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/aisthe/2006bela.pdf>
- IRWIN, Terence. Plato's Ethics. New York: Garland, 1995.
- PLATÃO. Apologia. (trad. Harold North Fowler). 18 ed. Londres: Harvard University Press, 1995.
- . Eutidemo. (trad. Harold North Fowler). 18 ed. Londres: Harvard University Press, 1995.
- . Górgias. (trad. W. R. M. Lamb). 13 ed. Londres: Harvard University Press, 1991.
- VLASTOS, Gregory. Socrate: Ironie et Philosophie Morale. (trad. Catharine Dalimier). Paris: Aubier, 1994.

[Recebido em maio de 2008; aceito em maio de 2008.]